

PLANTÃO PSICOLÓGICO: A CONSTRUÇÃO DE UM "PRO-JETO"¹ SOBRE AS VICISSITUDES HUMANAS NO ESPAÇO EDUCACIONAL, NARRANDO A INTERTEXTUALIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA NO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS

PSYCHOLOGICAL DUTY: THE CONSTRUCTION OF A PROJECT ABOUT THE HUMAN VICISSITUDES IN THE EDUCATIONAL SPACE, NARRATING THE INTERTEXTUALITY OF A PSYCHOLOGICAL EXPERIENCE IN THE FEDERAL INSTITUTE OF GOIAS

Aline Seixas Ferro – Instituto Federal de Goiás/Campus Formosa – allinepsicologia@hotmail.com

André Alexandre Antunes – Instituto Federal de Goiás/Campus Inhumas – andre.ifg@outlook.com

Resumo: A presente explanação tem como anseio versar sobre uma proposta de intervenção por meio do "Plantão Psicológico" desenvolvido no espaço educacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), *Campus Formosa* e *Campus Inhumas*. Estabelecer-se-á a interface das vivências e experiências entre os *campi* a partir de uma mesma ação, com vistas a evidenciar as multiplicidades de significações e distintos desdobramentos do projeto em função dos diferentes atores que nele atuam. O contexto educacional, na contemporaneidade, apresenta-se como lócus de convergência das mazelas humanas, de modo a trazer angústia e sofrimento psíquico. Logo, um espaço de escuta no ambiente escolar torna-se fundamental, e o Plantão Psicológico surge como possibilidade de ação preventiva e promotora da saúde psíquica e da higiene mental.

Palavras-chave: Plantão psicológico, psicologia escolar, bem-estar.

Abstract: This explanation has the purpose to discuss an intervention proposal through the project "Psychological Duty" developed in the educational space of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás (IFG), in the Formosa *Campus* and in the Inhumas *Campus*. It is intended to establish the interface of experiences between the *campuses* from the same action, in order to highlight the multiplicity of meanings and different developments of the project according to the different actors involved in it. The educational context in contemporary society presents itself as a *locus* of convergence of human afflictions, in a way that it brings distress and psychological suffering. Therefore, a listening space in the school environment becomes essential, and the Psychological Duty arises as a possibility of preventive and promoting action of mental health and mental hygiene.

Keywords: Psychological duty, school psychology, wellness.

INTRODUÇÃO

A presente explanação tem como anseio versar sobre uma proposta de intervenção psicológica desenvolvida no espaço educacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), denominada "Plantão Psicológico", sendo este desenvolvido nos *campi* Formosa

e Inhumas, em ação conjunta dos profissionais dessas instituições. Intenta-se estabelecer uma intertextualidade das vivências e experiências entre os *campi*, a partir de uma mesma ação, que se faz como tal em seu cerne, mas não em seus desdobramentos, uma vez que a ação assume multiplicidades de significações e distintos desdobramentos em função dos diferentes atores que nela atuam.

¹ A palavra projeto apresenta-se com hífen para designar a expressão dos autores referente a próprio jeito. É uma alusão à possibilidade de o indivíduo criar um jeito próprio de perceber e significar a vida no que concerne à metamorfose humana do devir e à transitoriedade do meio social onde habita. A palavra assume, com o hífen, duplicidade de sentido, designando projeto e próprio jeito num jogo de significações. A expressão não corresponde à origem etimológica da palavra.

A fim de significar o termo e contextualizá-lo no âmbito educacional, seguir-se-á uma explanação sobre a terminologia. Designa-se plantão psicológico como:

Uma nova modalidade de atendimento clínico reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia diferente dos modelos tradicionais de psicoterapia, devido ao seu caráter focal em emergências e urgências psíquicas. Distancia-se dos modelos psicoterápicos por pretender oferecer, a quem a ele recorre, atenção psicológica em forma de pronto atendimento que consiste num espaço de escuta, acolhimento e intervenção clínica perante situações de crise. (FURIGO et al., 2008, p. 186).

Freire (apud SZYMANSKI, 2004) fomenta o conceito aludindo ao fato de que o plantão psicológico tem a possibilidade de instaurar, num determinado espaço e tempo, um encontro dialógico, em que o agir e o refletir se fazem no intuito de modificar e humanizar o mundo onde o sujeito habita. Assim, afirma o autor supracitado que o plantão psicológico não se reduz ao mero depósito de ideias no outro (terapeuta). É, na verdade, um legítimo espaço de compreensão e construção de significações, no qual se revelam novos horizontes, e um fazer diferente torna-se possível, emergindo novos jeitos de ser.

Gomes (2008) corrobora a temática, instaurando, no campo do debate, a concepção de que ao terapeuta plantonista cabe voltar-se para o sujeito com o qual se depara disposto a ouvi-lo, de modo a pautar-se na crença de que há no ser humano uma condição que lhe é inerente: o desenvolvimento de sua potencialidade. Ao plantonista cabe, segundo a autora, instigar essa potencialidade, auxiliando o paciente a se desvencilhar do seu sofrimento por meio de recursos inerentes à sua própria existência.

O plantão psicológico tem como característica o caráter emergencial e espontâneo no auxílio a problemas de cunho emocional, uma vez que há a inexistência da necessidade de agendamento (CURY apud SZYMANSKI, 2004). Logo, essa espécie de atendimento se destina ao sujeito que naquele momento apresenta uma demanda emergencial, de caráter urgente.

O plantão psicológico vislumbra a possibilidade de uma intervenção pujante imposta a nós pela contemporaneidade. Rumo ao delineamento dessa ordem social instaurada na atualidade, Bauman (apud TASSINARI e DURANGE, 2011) utiliza o termo "líquido-moderna", expressão que tem o intuito de retratar um tempo em que as condições sob as quais agem os atores sociais se fazem carregadas de transitoriedade; o tempo se faz curto para consubstanciar modos de ser, hábitos, rotinas.

O autor afirma que o processo de liquidez em que se instaurou a vida e a sociedade assume uma ação de complementaridade mútua. A liquidez é perpassada pela

impossibilidade da mesmice ditada pelo tempo. Fomenta a presente discussão Salum (2010), ao afirmar que a marca do contemporâneo capitalista instaura-se por meio das relações desiguais e oportunidades de emancipação diversas. Assim, cabe ao plantão psicológico, em termos de intervenção diante desse contexto social fluido e ansiógeno, promover saúde.

Narvai (2005) discorre sobre o conceito ampliado de saúde, que é preconizado como resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso à terra (e sua posse) e acesso a serviços de saúde. Uma vez que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o conceito de saúde transcende o sentido de ausência de doença e assume o sentido de completo bem-estar biopsicossocial – passando o homem, então, a ser contemplado de modo holístico – pode-se afirmar que o plantão psicológico atua na promoção da saúde, pois, por incidir no fator ansiógeno, evita o acúmulo de ansiedade.

Consoante a proposta do plantão psicológico e do completo bem-estar biopsicossocial, Tassinari (2003) afirma que atender o sujeito na sua necessidade de escuta é uma forma preventiva e promotora de saúde destinada a ele. Embasados por tal concepção, buscamos promover saúde psíquica no âmbito escolar pela contemplação da dimensão psicológica dos atores sociais coexistentes nessa esfera.

O plantão psicológico, numa instituição educacional, apresenta-se como benéfico, tendo em vista que viabiliza aos discentes um espaço oportuno para cuidar de si e cria uma atmosfera que propicia não só a vazão daquilo que os aflige no momento, naquele instante, mas também a condição para o enfrentamento (MAHFOUD, 1999).

Rosenthal (apud TASSINARI, 2003) afirma que, na atualidade, o plantão psicológico, no contexto escolar, está se consolidando. Alude a autora ao fato de que o plantão psicológico, nessa esfera institucional, dará "[...] frutos de imensa repercussão social, uma vez que o contexto escolar é o âmbito talvez mais rico para o desenvolvimento da saúde mental e da formação da cidadania" (ROSENTHAL apud TASSINARI, 2003, p. 20). Saliencia Tassinari (2003) que o plantão psicológico integra os objetivos básicos da educação na medida em que visa à formação do discente de modo integral com vistas à sociabilidade.

O plantão psicológico no contexto educacional – o qual aqui se compreende como o IFG – (res-)significa os atores sociais de maneira adversa a estereótipos preconcebidos ou como meros depositários de conteúdos programáticos escolares. Logo, o plantão atuará perpassando os atores sociais de modo holístico, na busca de compreender o sujeito, não somente na condição de aprendiz, mas também em seu todo.

O processo educativo se dá por meio de uma ordem na qual se repassa um saber que configura uma visão de mundo, de modo a preparar os discentes via apropriação desse novo saber, tornando-os aptos a transformar a sociedade. Os atores sociais depositários desse saber, os discentes, terão como missão constituir um eu por meio de uma troca intersubjetiva que se faz preponderante (GOMES, 2008).

Desse modo, a constituição do eu se dá por meio do outro, que viabilizará um conhecimento transformador, mesmo que esse processo não se faça isento de conflitos. Assim, o plantão psicológico engendra-se, na configuração acima explanada, como a possibilidade de criar um espaço de escuta desses atores no que concerne aos conflitos resultantes de suas relações.

É salutar aludirmos ao fato de que as relações, para além das compreendidas no âmbito escolar, abarcam outras instâncias da vida do sujeito. Logo, acolher o discurso do sujeito naquilo que o aflige, compreendendo-o como um ser vivente e contextualizado no mundo, torna-se meta do Plantão. Este é o espaço em que, *a priori*, o sujeito poderá se dispor sem pré-conceitos e pré-concepções. Portanto, constituir-se-á um lugar onde o sujeito poderá construir um jeito próprio de lidar com o que o aflige no momento e, pelo devir que lhe é inerente, poderá vir a ser².

Assim, diante de um contexto social caótico e ansiógeno que se faz vigente mediante uma sociedade líquido-moderna – em que há decadência da força normativa das instituições e falta de credibilidade no poder simbólico da lei – há, conseqüentemente e de forma rápida e difusa, perda do sentido de responsabilidade e pertencimento sociais. Diante disso, um espaço de escuta torna-se, portanto, benéfico. Não há melhor entendimento que alguém possa nos dispensar do que se dispor a nos ouvir, a dar atenção às falas baixas e quase invisíveis de nossa existência (GOMES, 2008).

No vir a ser – diálogos possíveis da tessitura humana no âmbito educacional: relato de experiência no instituto federal de Goiás, *Campus* Inhumas e *Campus* Formosa

A experiência no Instituto Federal de Goiás (IFG) tem como particularidade uma grande diversidade de escolaridade

do corpo discente, pois a instituição compreende o Ensino Básico nos Cursos de Ensino Médio Integrados, Médio Integrado Integrais, PROEJA e o Ensino Superior com algumas Graduações e Pós-Graduações. Os dois *campi*, Inhumas e Formosa, estão inseridos em uma rede que conta atualmente com outros 13 *campi*, que formam o IFG.

Em virtude da recente expansão da Rede Federal, notadamente a partir do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva e da criação, em 2010, do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), a assistência psicossocial ao aluno tornou-se uma grande preocupação dos Institutos Federais, que buscam compor o seu quadro de servidores com equipes multidisciplinares, contendo inicialmente profissionais como psicólogos e assistentes.

Por essa razão, no *Campus* Formosa do IFG, a equipe de trabalho que atua na Assistência Estudantil é formada por psicólogos, assistentes sociais e um técnico em enfermagem, enquanto o *Campus* Inhumas tem uma equipe reduzida, contando apenas com um psicólogo, incorporado à equipe recentemente, e um assistente social.

O Plantão Psicológico foi uma experiência concebida no cerne da Assistência Estudantil e programada pelos psicólogos desse setor em virtude da falta de um trabalho específico da psicologia. O Plantão Psicológico também surgiu em função de uma ideologia de trabalho que perpassa pela compreensão da necessidade de uma assistência estudantil que esteja além da concessão de auxílios pecuniários e pelos atendimentos multidisciplinares, com ações e projetos focados na prevenção e promoção de saúde mental no âmbito escolar.

A psicologia – com seu entendimento da necessidade de criar espaços dialógicos em que o homem possa colocar em jogo as mazelas que o acometem e a angústia do devir em uma sociedade líquido-moderna – encarna, no Plantão Psicológico, uma possibilidade ao sujeito de manejo das vicissitudes humanas numa sociedade marcada pelo tempo da inovação tecnológica, individualização, apatia social e hierarquia do ter.

Compreendendo a necessidade de garantir, no âmbito educacional do IFG, um espaço que propicie ao sujeito dar lugar às suas angústias, pensou-se, na qualidade de profissionais da psicologia, em desenvolver uma ação no contexto escolar que viabilizasse o acesso imediato ao serviço para aqueles que dele necessitassem, sem agendamento prévio.

Em consonância com a presente necessidade, eis que surge, como uma alternativa, o Plantão Psicológico. Para além da função supracitada, assumia o Plantão Psicológico a função de instrumento de ação para quebra da estereotipia da psicologia no espaço escolar (no sentido de ser aquela que serviria aos desajustados, “malucos”, problemáticos).

² Essa expressão faz alusão ao pensamento de Heráclito (filósofo) de que tudo se encontra em devir, em mudança e transformação. O estado de devir, segundo o filósofo, é inevitável a tudo o que existe.

Uma vez concebido o Plantão como uma possibilidade, passou-se à execução por meio da sistematização de ações. As ações desenvolvidas no *Campus Formosa* aconteciam concomitantemente no *Campus Inhumas*, em virtude da rede articulada entre os profissionais da psicologia. No entanto, as ações seguiam as especificidades e particularidades dos atores que as desenvolviam.

O projeto teve início pela confecção do material para divulgação interna à comunidade escolar em ambos os *campi*. Realizou-se um esboço dos panfletos, havendo uma ação coordenada com o setor de comunicação para conceber o *marketing* idealizado pela psicologia. O *marketing* tinha como objetivo atrair o público-alvo para a nova possibilidade que se apresentava no contexto escolar e teve o formato de cartazes, que foram fixados nos murais da escola e nas salas de aula.

Os cartazes e panfletos apresentavam, no seu conteúdo, uma história em quadrinhos que envolvia elementos de artes. Um dos personagens era a estátua "O Pensador", de Auguste Rodin, e o texto aludia a uma música do grupo Legião Urbana. O texto apresentava informações como espaço, data e horário para o atendimento, explicava o conceito de Plantão Psicológico e especificava qual público poderia acessá-lo. O conceito a ser repassado para o público-alvo, estabelecido no material de divulgação, objetivava desassociar da psicologia a ideia de ser uma ciência em favor unicamente daqueles com psicopatologias, transtornos e distúrbios. Esse conceito era estabelecido por meio de um trecho da música "Quase sem querer", do grupo Legião Urbana.

Embora os profissionais atuassem diariamente nos *campi*, foram separados espaços de tempo na jornada de trabalho dos psicólogos em que não se realizaria agendamento. Esses espaços de tempo eram reservados somente para as demandas espontâneas advindas do plantão e tinham duração de duas horas, ocorrendo três vezes por semana e contemplando os três turnos.

Assumi o plantão a metodologia da busca espontânea; no entanto, foi aberta a possibilidade de ocorrerem até dois agendamentos a partir da primeira busca espontânea pelo serviço. Quando constatados desdobramentos que demandassem uma abordagem que o Plantão não poderia abarcar, eram realizados encaminhamentos ou atendimentos ao aluno com outras metodologias de atendimento psicológico desenvolvidas na escola. As metodologias eram atendimentos em grupos com temáticas específicas ou ações pontuais desenvolvidas pela equipe multidisciplinar, psicólogos e assistentes sociais da instituição, como o Cinema com Pipoca, Cinema Comentado, visitas domiciliares, palestras, oficinas, entre outros.

Ao realizar um diagnóstico das principais temáticas emergentes no sujeito que procura o Plantão Psicológico em ambos os *campi*, observaram-se demandas relacionadas a Transtornos Impulsivo-compulsivos, ansiedade e estresse frente às demandas escolares, relação interpessoal conflituosa entre os pares, insatisfação com traços da personalidade (como a timidez), questões frente às transformações da adolescência, vivência de luto, insatisfação com o ambiente escolar, bulimia, automutilação, tricotilomania, depressão, questões envolvendo a vida amorosa e a sexualidade e conflitos nas relações familiares (como má qualidade nas relações com pais, irmãos e responsáveis).

Uma questão apontada pelo diagnóstico realizado nos dois *campi* – Inhumas e Formosa – foi a diversidade de certas demandas entre os *campi*. O *Campus Inhumas* apresentou mais casos de Transtornos do Controle dos Impulsos (TCIs), e o *Campus Formosa* apresentou mais demandas sobre relacionamento interpessoal.

Os números de atendimentos no *Campus Inhumas* revelaram o tipo de público que mais procurou os Plantões Psicológicos no ano de 2013: cerca de 10% dos atendimentos corresponderam aos discentes do PROEJA, 60% das demandas espontâneas foram de alunos dos cursos superiores e, neste universo, 80% foram de alunos da Graduação em Química (o *Campus Inhumas* conta com 3 cursos superiores: Licenciatura em Química, Bacharel em Sistemas de Informação e Bacharel em Tecnologia de Alimentos).

A procura de alunos dos cursos Médios Integrados e Integrados Integrais correspondeu a 30%. Essa menor procura se dá em virtude do horário do curso desses alunos (matutino e vespertino) e também da cultura enraizada de que o psicólogo é um "castigo" que os professores utilizam para "alunos-problema". Em verdade, a demanda de "alunos-problema" encaminhados é quase, em sua totalidade, de alunos dos cursos integrais.

Em contrapartida, os números de atendimentos no *Campus Formosa* enunciam o seguinte panorama do público atendido nos Plantões Psicológicos no ano de 2013: cursos de Nível Médio Técnico Integrado e Integrados Integrais correspondendo a 54% dos atendimentos, cursos superiores com a prevalência de 17% da procura (a totalidade percentual corresponde aos discentes do curso de Biologia; no período correspondente ao levantamento dos dados, a instituição ofertava três cursos superiores, Engenharia Civil, Licenciatura em Ciências Sociais e Licenciatura em Ciências Biológicas), PROEJA com o equivalente a 17% da demanda e, por fim, 11% da procura correspondendo aos discentes do Curso Subsequente em Edificações.

Observa-se, no panorama percentual traçado nos dois *campi*, uma distinção concernente aos maiores índices apresentados em relação ao público que buscou o serviço. No primeiro, *Campus* Inhumas, temos a maior busca pelo serviço nos cursos superiores, ao passo que no segundo, *Campus* Formosa, o maior índice percentual de procura corresponde a discentes dos Cursos Técnicos Integrados Integrais.

Em relação à peculiaridade acima aludida, numa análise de conjuntura pelos profissionais envolvidos neste projeto, constatou-se que em ambos os *campi* há a percepção, pelos discentes, da práxis psicológica como “castigo” e a percepção institucional do psicólogo como um recurso a ser utilizado nos casos de “alunos-problema”. No entanto, observou-se que a reação dos *campi* ao Plantão Psicológico foi distinta.

No *Campus* Inhumas, a caracterização da atuação psicológica pautada em encaminhamentos se fez arraigada e pouco mutável para os discentes do Ensino Médio Técnico Integrado e Ensino Médio Integrado Integral; em contrapartida, no *Campus* Formosa, fez-se maleável e passível de transformação.

Infere-se que as características dos *campi* acima referidas são atribuídas a alguns fatores, tais como: tempo de existência das instituições (o *Campus* Inhumas tem mais tempo de existência; logo, as concepções pré-existentes a respeito da atuação psicológica são mais arraigadas e perenes), a característica da equipe pedagógica (concepção que os docentes, pedagogos, técnicos em assuntos educacionais, coordenadores das áreas acadêmicas e chefe de departamento têm acerca da psicologia e do seu fazer), bem como a existência e histórico da práxis psicológica na Assistência Estudantil dos *campi*: em Formosa, o profissional psicólogo sempre fez parte da composição da equipe, atuando numa perspectiva multidisciplinar com foco na prevenção e promoção do bem-estar no âmbito educacional. Em contrapartida, no *Campus* Inhumas, a equipe, que conta com a presença do profissional psicólogo, foi formada recentemente, e este também atua na Assistência Estudantil, que até então contava unicamente com uma assistente social.

Assim, o Plantão Psicológico – como possibilidade de acesso por meio do desejo, sendo este a única motivação, sem que haja, portanto, a obrigatoriedade de o sujeito “submeter-se” ao atendimento psicológico – configura-se como espaço que dá lugar às angústias dos sujeitos, concebidos para além do discente. Dessa forma, é salutar mencionarmos que a práxis psicológica no âmbito educacional requer dos profissionais dessa área um posicionamento de conscientização constante sobre a sua atuação para responder às seguintes questões: a que

veio a psicologia e a que e a quem ela serve?

Nessa perspectiva, os profissionais desses *campi* têm desenvolvido constantemente ações – como palestras sobre diversos temas e sobre os serviços que a psicologia pode ofertar, desenvolvimento de projetos e falas nos espaços possíveis – a fim de se fazer compreender a atuação psicológica no espaço educacional, processo de conscientização que não cessa, embora haja desafios nessa construção.

A ação de instaurar um plantão no âmbito psicológico fundamenta-se na percepção da necessidade de criação de um espaço dialógico-dialético de escuta e de um discurso perpassado pela emergência da compreensão dos atores em jogo. O Plantão Psicológico tinha como intuito possibilitar a emersão do sujeito como pessoa, possibilitar que do discente surgisse o sujeito, que do “sujeito de nota” surgisse o sujeito humano, com as idiosincrasias que o constituem. Faz-se necessária a criação de um espaço dialógico-discursivo singular, em que o eu discursivo se faça compreensão. O plantão configura-se como um espaço em que o discurso, a escuta e o silêncio se fazem possíveis numa relação interpessoal, estando a alteridade e a singularidade norteando um eu (GOMES, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o conceito de saúde se amplia de modo a transcender a ausência de doença para contemplar o sujeito em seus aspectos biológicos, psíquicos e sociais, há o reconhecimento de que o estado de adoecimento do sujeito não decorre somente de determinantes biológicos localizados no corpo, mas, sim, do adoecer compreendido como proveniente de fatores como: condição de moradia, meio ambiente, alimentação, trabalho e relações psicossociais.

Logo, promover a saúde se faz para além de ações médicas, passando a envolver políticas públicas, estilo de vida, saúde mental. A proposição do Plantão vai ao encontro dessa ação, como viabilizadora da prevenção e promoção de saúde em termos psicológicos, por abarcar demandas emergenciais do sujeito em um espaço dialógico em que a escuta, o discurso e a compreensão se fazem presentes, inviabilizando a evolução do momento de crise a um estado patológico.

Por que o Plantão Psicológico em uma escola? Em uma escola pela compreensão desse espaço como um campo de coexistência, pois nele se convergem questões sociais, identitárias e políticas, produção de saber, falência do sistema familiar, o que torna a escola um universo complexo, por vezes perpassado pela angústia que o Plantão pretende ouvir.

Não obstante, é salutar aludirmos ao fato de que a escola, apesar de ser uma zona de convergência, não perde aquilo que lhe é característico: o caráter transformador. O Plantão Psicológico objetiva contribuir com essa característica, que lhe é inerente: transformar. Transformar os seres humanos por meio do processo de autoconhecimento propiciado ao expor, pelo discurso, a angústia do ser.

REFERÊNCIAS

FURIGO, R. C. P. L.; SAMPEDRO, K. M.; ZANELATO, L. S.; FOLONI, R. F.; BALLALAI, R. C.; ORMROD, THOMAZ. Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 58, n. 129, dez. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a06.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

GOMES, F. M. D. Plantão psicológico: novas possibilidades em saúde mental. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702008000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 jan. 2013.

MAHFOUD, M. (Org.). **Plantão psicológico**: novos horizontes. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999.

NARVAI, P. C. Integralidade na atenção básica à saúde. Integralidade? Atenção? Básica? In: GARCIA, D. V. (Org.). **Novos rumos da saúde bucal**: os caminhos da integralidade. Rio de Janeiro: ABO-RJ, 2005. p. 28-42.

SALUM, M. J. G. O sujeito de direitos, o ECA e o sujeito adolescente. In: RIBEIRO, S. M.; HELENO, C. T. (Org.). **Criança e adolescente**: sujeitos de direitos. Belo Horizonte: CRP 04, 2010.

SZYMANSKI, H. Plantão psicoeducativo: novas perspectivas para a prática e pesquisa em psicologia da educação. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 19, dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752004000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 jan. 2013.

TASSINARI, M. A. **A clínica da urgência psicológica**: contribuições da abordagem centrada na pessoa. 2003. 231 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

TASSINARI, M. A.; DURANGE, W. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. **Revista do NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912011000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 jan. 2013.

Recebido em: 06/10/2014

Aceito em: 09/04/2015